

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

Trabalho de Conclusão de Curso

MAPAS TURÍSTICOS DE SÃO PAULO-SP: ESTUDO DE CASO VOLTADO À
ALBERGUES E HOTÉIS

Maria Eugênia Espires Martin

Orientador: Prof. Dr. Fernando Luiz de Paula Santil

2012

MARIA EUGÊNIA ESPIRES MARTIN

MAPAS TURÍSTICOS DE SÃO PAULO-SP: ESTUDO DE CASO VOLTADO À
ALBERGUES E HOTÉIS

Trabalho de conclusão de curso apresentado a
Universidade Estadual de Maringá, para a
obtenção do título de Bacharel em Geografia, sob
a orientação do prof.Dr. Fernando Luiz de Paula
Santil.

MARINGÁ, PR

2012

MARIA EUGÊNIA ESPIRES MARTIN

MAPAS TURÍSTICOS DE SÃO PAULO-SP: ESTUDO DE CASO VOLTADO A
ALBERGUES E HOTÉIS

Exemplar correspondente a redação final da Monografia, aprovada como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Geografia pela Comissão Julgadora na Universidade Estadual de Maringá, UEM.

Data de Aprovação: 26/11/2012

Orientador: Prof. Dr. Fernando Luiz de Paula Santil (DGE/UEM)

Componente da banca: Dr^a Deise Regina Elias Queiroz (DGE/UEM)

Componente da banca: Ms. Fernando Ricardo dos Santos (DGE/UEM)

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo abrir uma discussão a respeito do desenvolvimento do projeto cartográfico de mapas turísticos de São Paulo e sua relação com sua funcionalidade. Separando os mapas por categorias de usuário, organizamos os mapas analisados pelos tipos de hospedaria que os entregam, como albergue e hotéis econômicos. Esse estudo analisa as etapas de construção do projeto cartográfico de um mapa de propósito especial, termo esse definido na literatura como o mapa cujo tema é requisitado pelo usuário. De acordo com a literatura consultada, é seguro afirmar que um mapa de propósito especial (no caso, turístico) deve ser construído partindo do conhecimento que se tem acerca do usuário e suas necessidades, sua cultura cartográfica, domínio cognitivo, capacidade de absorção e a sua necessidade de relação com o produto cartográfico. Pela análise do material cedido por hotéis e albergues, detectaram-se problemas simples, como falta de escala, até questões mais complexas, como a definição e representação dos temas nos produtos entregues aos hóspedes.

Palavras-chave: Projeto cartográfico; turismo; cartografia temática.

ABSTRACT

This paper aims to open the discussion regarding the development steps of map design of touristic maps in São Paulo and its connection to functionality of the map. Dividing the maps by users categories, we have organized the maps to be analyzed by the housing types that hand them, such as hostels and regular hotels. This study analyzes the steps in building a cartographic project for a special purpose map, term that refers to the map whose main theme is demanded by the user. According to the literature used for this paper, it's safe to assure that a special purpose map (in this case, a touristic map) must be built from the knowledge on the user that the cartographic engineer has beforehand, taking in account his needs, his cartographic culture, his cognitive domain, his capacity of absorption and his needs concerning the final cartographic product. By analyzing the material disposed of by hotels and hostels, were detected simple problems, such as lack of scale, to more complex issues such as the definition and representation of the themes in products delivered to guests.

Key words: map design; tourism; thematic cartography.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Versão simplificada do modelo de Comunicação Cartográfica de Koláčný (Robinson e Petchenik, 1976), <i>apud</i> SLUTER (2008)	11
Figura 2	Diagrama da sistemática de trabalho para o desenvolvimento de Projeto Cartográfico, de acordo com SLUTER (2008)	12
Figura 3	Fachada do albergue Casa Club Hostel Bar	18
Figura 4	Localização do albergue Casa Club Hostel Bar	18
Figura 5	Portão de entrada do albergue City Lights Hostel	20
Figura 6	Localização do Albergue City Lights Hostel	20
Figura 7	Hall de entrada do Hotel Mercure	22
Figura 8	Localização do Hotel Mercure	22

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2.1. MAPAS DE PROPÓSITO ESPECIAL	10
2.2. SISTEMATIZAÇÃO DO PROJETO CARTOGRÁFICO	11
3. ESCOLHA DO ESTUDO DE CASO E COLETA DE DADOS	15
4. ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS	23
4.1. Mapa fornecido pelo albergue Casa Club Hostel Bar	23
4.2 Mapa fornecido pelo hotel Mercure e albergue City Lights Hostel	26
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31
7. ANEXOS	32
7.1 ANEXO (A): Mapa fornecido pelo albergue Casa Club Hostel Bar	
7.2 ANEXO (B): Mapa fornecido pelo hotel Mercure	
7.3 ANEXO (C): Mapa fornecido pelo albergue City Lights Hostel	

1. INTRODUÇÃO

Independente de seu tema, um mapa deve ter objetividade e transparência ao representar um espaço tridimensional sobre uma superfície plana (bidimensional) de menor escala. Partindo desse pressuposto, este trabalho se encarrega de investigar mapas turísticos na cidade de São Paulo, levantando discussões sobre sua funcionalidade.

O critério utilizado para classificar os turistas e potenciais usuários dos mapas analisados será o tipo de hospedaria em que se instalam: albergues e hotéis tradicionais. Quem confecciona um mapa deve ter em mente algumas considerações, tais como são mostradas no diagrama de desenvolvimento do projeto cartográfico de SLUTER (2008). Quando o mapa é produzido por leigos, ou quando o profissional não segue alguns preceitos básicos, surgem problemas como a ausência de elementos, generalização que induz ao erro, dificuldade de visualização, entre outros.

Tendo em vista a quantidade de pessoas que visitam a cidade de São Paulo, um bom material para orientação desses visitantes é imprescindível. Só no ano de 2010, foram 11,7 milhões de turistas¹ que visitaram a cidade a negócios e/ou lazer. A análise desenvolvida neste trabalho depende da caracterização do usuário do mapa como ponto de partida da pesquisa. Faixa etária, nacionalidade, classe social, grau de escolarização, entre outros elementos podem nos dizer muito sobre quem lerá o mapa e o que procura nele.

Mas como definir quem são estes usuários, e onde estão? Pensando em solucionar estas dúvidas, o critério utilizado para a classificação do usuário será o tipo de hospedaria que os mesmos procuram ao visitar a cidade. Os tipos de hospedarias são: albergues e hotéis tradicionais.

¹ Dados retirados do site <http://www.visitesaopaulo.com/dados-da-cidade.asp>

Mediante análise dos mapas, demonstrar a importância das etapas envolvidas, e as falhas que podem ocorrer se não forem bem executadas, ou se a ordem das etapas não for respeitada. A opinião direta dos usuários não constará no estudo, havendo espaço para trabalhos complementares.

Objetivos diferentes requerem mapas diferentes. Um bom mapa não é aquele com design arrojado e visualmente bonito, mas sim aquele que cumpre seu papel: transmitir com clareza ao usuário as informações que necessita para desenvolver ou pensar em novas estratégias de uso do mapa.

Para garantir que um mapa seja eficiente na sua comunicação cartográfica, o cartógrafo deve se perguntar, antes de mais nada, para quem este mapa é destinado, quais informações necessita, onde irá usá-lo, e qual seu nível de conhecimento sobre o tema abordado no mapa. Um mapa muito complexo pode impedir seu entendimento por um usuário menos experiente, por exemplo. Usuários que não necessariamente tem conhecimento na área de cartografia precisam de mapas mais simples, que forneçam prontamente as informações de que precisam. Por esses motivos um modelo de desenvolvimento de projeto cartográfico com base no usuário, caso do modelo de SLUTER (2008).

O objetivo geral deste trabalho é investigar os mapas turísticos da cidade de São Paulo tomando como critério de classificação o usuário a que se dirigem: hóspedes de hotéis tradicionais e hóspedes de albergues. O objetivo específico será a investigação dos mapas com base no modelo de SLUTER (2008) das etapas do desenvolvimento do projeto cartográfico.

2.1. MAPAS DE PROPÓSITO ESPECIAL

Na cartografia faz-se distinção entre dois tipos de mapas: de referência geral e de propósito especial, ou temáticos. Um exemplo de mapa de referência geral são as cartas topográficas das quais o IBGE dispõe. Nestas cartas é possível determinar a localização de fenômenos importantes da paisagem, como rios, estradas, fronteiras, montanhas, ferrovias, entre outros elementos naturais ou produzidos pelo homem.

Mapas de propósito especial, ou mapas temáticos, são criados quando informações específicas a respeito de uma região precisam ser mostradas, e em geral um mapa de propósito especial abordará apenas um tipo de informação. Quando mais de um tipo de informação precisa ser exibido para uma mesma área, é construído um conjunto de mapas com temáticas diferentes (o tipo de informação contida determina o tema do mapa). Segundo SLOCUM (1999), este tipo de mapa é utilizado para mostrar a distribuição espacial de atributos geográficos e suas variáveis, se houver.

Em um mapa de propósito especial, a legenda é extremamente importante. Apesar de o mapa de propósito especial apresentar apenas um tema, ele pode apresentar diversos fragmentos de informação. Essa informação pode ser mostrada por meio de símbolos, cores, ou setas, de maneira que a legenda toma a função de um dicionário para o mapa. Os mapas investigados neste trabalho são mapas temáticos.

2.2. SISTEMATIZAÇÃO DO PROJETO CARTOGRÁFICO

Foi escolhida a abordagem de SLUTER (2008) como base da análise do projeto cartográfico por sua preocupação com o usuário. SLOCUM (1999) apresenta um modelo de comunicação cartográfica que consiste em cinco passos: (a) levar em consideração como a distribuição real do fenômeno acontece, e qual a sua aparência; (b) determinar o motivo para a construção do mapa; (c) Coletar dados pertinentes ao propósito do mapa; (d) construir o mapa e (e) avaliar se os usuários acham o mapa útil e informativo; se não, é necessário voltar ao passo a.

Nesse modelo proposto por SLOCUM (1999), a preocupação com o usuário aparece apenas no último passo, e não há menção alguma sobre conhecer a fundo o usuário e suas necessidades: a eficiência da comunicação cartográfica é uma consequência do restante do projeto cartográfico, e não uma condicionante que influencia os demais passos. Como esse método cria muitas incertezas acerca da efetividade da comunicação cartográfica, foi adotado o modelo proposto por SLUTER (2008).

SLUTER (2008) inicia o desenvolvimento do projeto a partir usuário e tudo o que se refere a ele. Assim, a eficiência da comunicação cartográfica passa a ser a principal preocupação daquele que confecciona o mapa, e não um evento do acaso que será corrigido posteriormente. Em outras palavras, o entendimento pleno do mapa pelo usuário torna-se uma condicionante do projeto, e deve ser assegurado desde o primeiro momento. Para que isso seja possível, é necessário conhecer aquele que irá consumir o mapa no final do processo.

É levada em consideração a formação intelectual e profissional do usuário, quais informações ele precisa no mapa e o que fará com elas. A sobreposição dos conhecimentos do usuário e do cartógrafo é o que viabiliza a eficiência da comunicação cartográfica na forma de linguagem cartográfica (Figura 1).

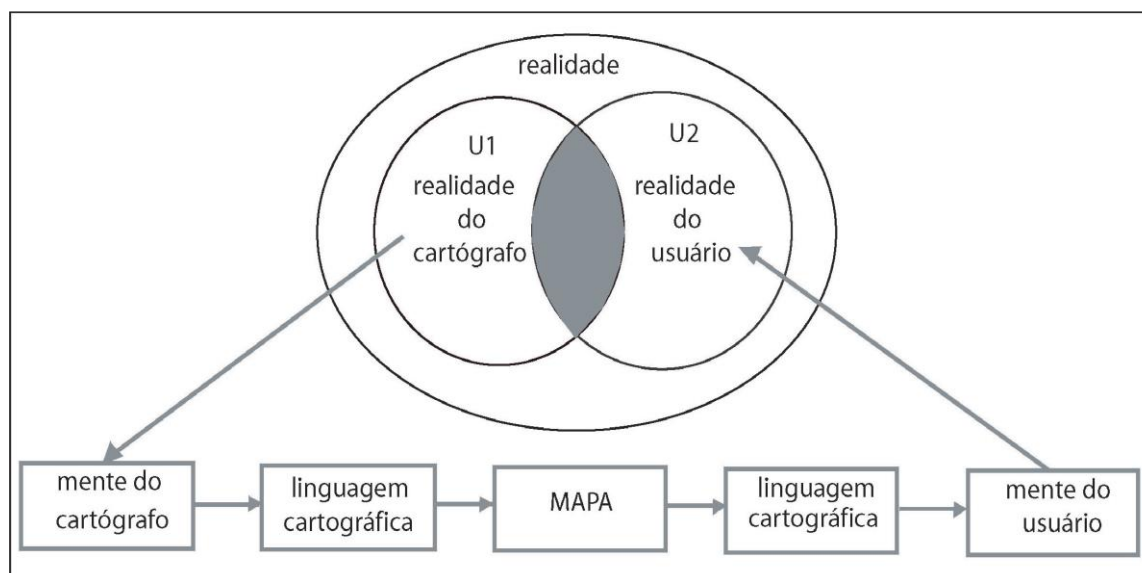


Figura 1 - Versão simplificada do modelo de Comunicação Cartográfica de Koláčný (Robinson e Petchenik, 1976), *apud* SLUTER (2008).

Veremos agora a proposta de SLUTER (2008) para as etapas de desenvolvimento do projeto cartográfico (Figura 2). Para a autora, o desenvolvimento do projeto cartográfico consiste em seis etapas. E o cartógrafo deve saber o que será feito com o mapa, quais tarefas o usuário realizará a partir dele.

Tendo como base as particularidades do usuário, o cartógrafo pode definir o restante do projeto. É necessário determinar e descrever as informações a ser mapeadas, estabelecer critérios para classificação das informações, e criar variáveis visuais condizentes, e que representem claramente essas informações. Tendo definidas as informações pertinentes à temática do mapa, é possível determinar como deve ser a base cartográfica do mapa, e o que esta deve conter.

Próximo passo: escala. Ela é estabelecida conforme o menor elemento a ser representado (Ex.: menor largura de uma rua em um mapa grande); com a escala definida, é possível determinar o tamanho do mapa. Pode ser necessário utilizar mais de uma folha, e torna-se necessário pensar nas dobraduras e articulações. Se o tamanho do mapa e a área a ser mapeada não forem compatíveis, pode ser necessário utilizar o artifício da generalização cartográfica, que pode comprometer a leitura do mapa se não for feita com responsabilidade.

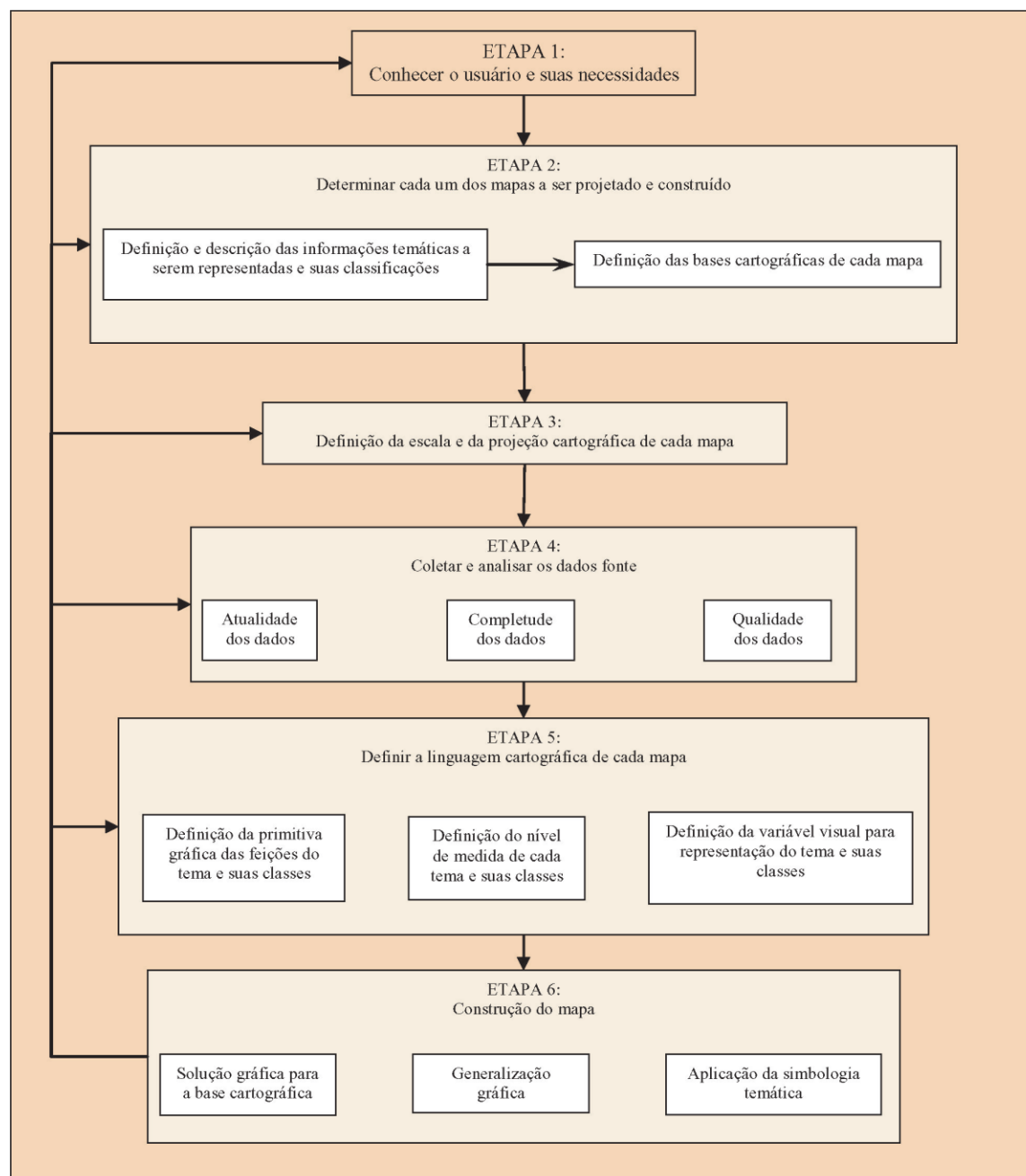


Figura 2 - Diagrama da sistemática de trabalho para o desenvolvimento de Projeto Cartográfico, de acordo com SLUTER (2008).

Nesta etapa faz-se a coleta de dados em campo ou utilizam-se dados preexistentes das informações predeterminadas na etapa 2. Esta etapa é

importantíssima, pois os dados obtidos aqui compõem a temática do mapa. Os dados devem ser atuais, completos e confiáveis.

A linguagem cartográfica, composta pelos símbolos e seus significados (MacEachren, 1994) é definida nesta etapa. Cada mapa possui uma linguagem cartográfica diferente, por tratar de uma temática diferente e ter informações diferentes a transmitir. Para definir a linguagem cartográfica, três aspectos (SLOCUM, 1999) são utilizados como base: (1) a dimensão espacial do fenômeno e a sua primitiva gráfica, como ponto, linha ou área; (2) o nível de medida, como nominal, ordinal, intervalar ou de razão; e (3) as variáveis visuais das primitivas gráficas, como tamanho, formato, cor, orientação, etc.

Ao chegar à última etapa, já estão definidas todas as bases para a construção do mapa. Quando o mapa estiver pronto, é preciso definir qual solução gráfica será implementada. Com o produto final impresso, pode-se avaliar se a solução gráfica escolhida produziu um resultado satisfatório. Se não, é necessário escolher outra solução gráfica e/ou voltar às etapas anteriores e corrigir eventuais problemas. Em muitas situações as articulações (dobraduras) de um mapa serão um empecilho para o bom uso do material, e cabe ao cartógrafo definir reduções na escala e conseqüentes generalizações cartográficas (quando necessário), sem comprometer sua eficiência. No que se refere a dimensão total do mapa: o papel em tamanho A4 tem menor custo de reprodução, não necessariamente precisa ser dobrado para guardar (pastas de documentos padrão comportam o tamanho A4), e é de fácil manuseio, sendo assim mais facilmente manipulado, proporcionando um maior conforto em situações de análise e comparação entre materiais.

A partir dessas etapas, entende-se que a comunicação cartográfica é resultado não apenas do uso do mapa, mas também do projeto cartográfico. Segundo KEATES (1989), o usuário só fará bom uso do mapa se a estrutura e os métodos de representação empregados forem compreendidos, juntamente com os símbolos cartográficos. Por meio de sua abordagem, SLUTER (2008) defende que o conhecimento do cartógrafo acerca do usuário do mapa final e do que este se prestará a fazer com tal material (para quais ações o usuário precisa fazer análises espaciais) é peça primordial para resultar em uma comunicação cartográfica eficiente.

3. ESCOLHA DO ESTUDO DE CASO E COLETA DE DADOS

A partir do modelo teórico de SLUTER (2008), fica clara a importância do conhecimento prévio acerca do usuário para a elaboração e desenvolvimento do projeto cartográfico. O presente trabalho trata especificamente dos mapas turísticos da cidade de São Paulo, mas ainda assim, tais mapas podem ter temáticas das mais diversas (rotas de aventura, guias gastronômicos, guias culturais, etc.). Os mapas utilizados na análise não serão escolhidos por sua temática, mas sim pelo usuário a que são destinados. Seguindo o preceito da base teórica, o usuário é o foco do nosso estudo.

Passamos então a refletir sobre como ter acesso a mapas que tenham sido projetados para um usuário específico, onde estariam concentrados estes usuários com características e necessidades semelhantes, de forma que a temática de um mapa sirva, generalizadamente, ao grupo como um todo. A conclusão a que se chegou foi buscar o usuário e os mapas em diferentes tipos de hospedaria, e utilizá-las como critério de classificação do usuário.

As hospedarias escolhidas para efetuar a classificação foram hotéis tradicionais e albergues (Albergues da Juventude). Estes dois tipos de hospedaria diferem muito em serviços, infraestrutura, estilo de hospitalidade e, principalmente, no preço. Por terem características muito diferentes, o público que atraem também é muito diferente. Hóspedes em hotéis costumam ser mais velhos, ter bom nível de instrução e estabilidade financeira. Já hóspedes em albergues são em geral mais jovens e despreocupados, e viajam para conhecer novas realidades. São também bem instruídos, possuindo nível superior de ensino concluído ou em curso (JORGE, 2009). Um fator de destaque é que boa parte dos alberguistas são estrangeiros. Em seguida, será feita uma explanação mais detalhada sobre os dois tipos de hospedaria e seus usuários.

Tendo definidas as classes de usuários, pode-se pensar o que cada uma buscará em um mapa. Hóspedes em hotéis se encaixam em um perfil que utiliza mais

o carro, ou transporte fretado (táxi), e frequenta lugares mais caros, por exemplo. O alberguista depende quase que exclusivamente do transporte público, e costuma buscar lugares mais baratos para comer, se divertir, etc. Faremos agora uma descrição mais detalhada das duas classes.

Hotéis Tradicionais: são estabelecimentos que oferecem hospedagem por um curto período de tempo mediante pagamento de diária. Oferecem quartos individuais ou compartilhados entre membros de um mesmo grupo, de maneira que não há contato com os demais hóspedes que não seja nas áreas comuns, como hall de entrada, elevadores, sala de café da manhã, etc. É a opção de hospedagem mais custosa, definindo seu público também pelo seu poder aquisitivo. Costumam ser a escolha de pessoas que preferem não se aventurar. De acordo com o conceito de Plog (*apud* BENI, 2003), estes usuários podem ser classificados como centrífugos (não são entusiastas da aventura, procuram destinos mais em voga, e buscam simplesmente descontração e prazer durante sua estadia) ou mesmo psicocêntricos (possuem pouco interesse pelo mundo exterior, preferem viagens organizadas, que não perturbem seu estilo de vida, e destinos turísticos que já conhecem ou que sejam notoriamente mais frequentados). Em geral, fazem questão de serviços mais profissionais e setorialmente organizados oferecidos pelos hotéis, e do conforto proporcionado pelos mesmos. Repetindo, são usuários que não querem se aventurar, mas sim aproveitar sua viagem com segurança.

Albergues: Um albergue (ou Albergue da Juventude, para evitar confusão com as casas de apoio a pessoas carentes) é um tipo de hospedaria assim como um hotel ou pousada, que oferece hospedagem por um curto período de tempo mediante pagamento, mas com alguns diferenciais. Possui em geral quartos e banheiros coletivos (apesar de que recentemente, alguns albergues tem oferecido acomodações individuais a preços proporcionais), cozinha coletiva, e alguma área de convivência e lazer. Por conta da coletividade do serviço, o preço desse tipo de hospedaria é bastante reduzido em relação aos outros, o que atrai principalmente jovens, motivo pelo qual os albergues voltam sua estrutura e atendimento para este grupo, formando um ciclo que se perpetua. No Brasil, os albergues ainda estão em processo de crescimento, e ainda há muitas pessoas que não escolhem esta opção, seja por receio,

falta de costume, falta de conhecimento, preconceito, ou mesmo preferência por outro tipo de serviço de hospedaria. Isso também justifica a grande quantidade de estrangeiros nesses locais, que chegam até a ficar hospedados com suas famílias, tamanha a familiaridade com este tipo de serviço. Em geral, os alberguistas são despreocupados e pouco exigentes, e dispensam serviços de luxo. Encaixam-se na categoria definida por Plog (*apud* BENI, 2003) de turistas alocêntricos, que buscam oportunidades de integração, troca de experiências, locais de pouca atração turística mas com grande nível de atividades. Dispensam, ou mesmo se opõem ao turismo de massa. Um albergue está sempre localizado em bairros movimentados, com infraestrutura completa, de maneira que os hóspedes não precisem de carros. É muito comum estarem em locais em que as distâncias até supermercados, farmácias, bancos, pontos de ônibus e estações de metrô possam ser percorridas a pé.

Tendo os critérios utilizados para a classificação dos usuários definidos, foi possível passar para a etapa seguinte do trabalho: coletar os mapas para análise.

A coleta foi feita pessoalmente nos estabelecimentos. Algumas das hospedarias visitadas, tanto hotéis quanto albergues não forneceram o material pedido. Apesar disso, foi possível reunir material cartográfico em três estabelecimentos, sendo dois albergues e um hotel. Os albergues que contribuíram com o trabalho foram o *City Lights Hostel* e o *Casa Club Hostel Bar*; o hotel foi o *Mercure*, da rede internacional *Accor*.

Casa Club Hostel Bar: Localizado na Vila Madalena, no bairro de Pinheiros, região nobre da cidade de São Paulo, local conhecido por oferecer diversas opções de restaurantes, bares e casas noturnas. Os hóspedes não precisam ir muito longe para encontrar o que fazer. Este albergue foi o único dos estabelecimentos a oferecer material cartográfico de construção própria. Isso é muito positivo para o usuário do mapa, já que a localização do albergue (e, por conseguinte, do usuário) é apontada no mapa de forma destacada. O mapa é todo escrito em inglês, já que boa parte dos usuários domina a língua inglesa. Um ponto fraco foi o albergue não oferecer uma versão do mapa em português ou espanhol, ignorando a necessidade de hóspedes que

não dominem a língua inglesa. As Figuras 3 e 4 mostram, respectivamente, a fachada do Hostel e o seu entorno.



Figura 3 - Fachada do albergue Casa Club Hostel Bar.

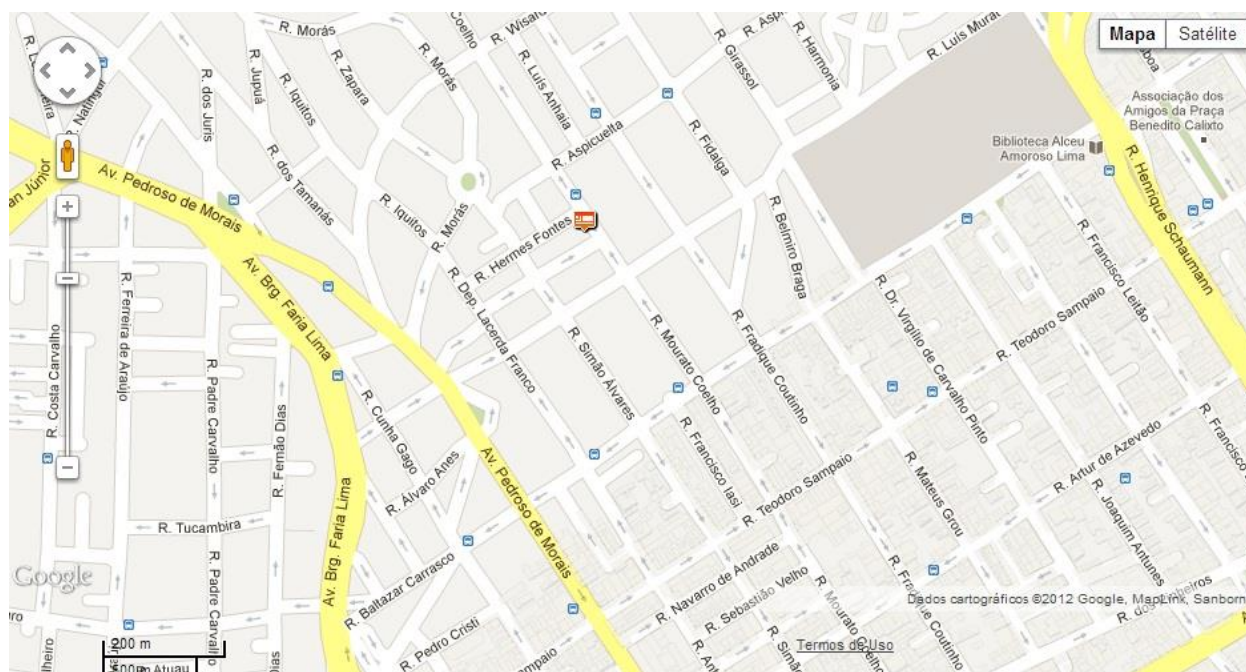


Figura 4 - Localização do albergue Casa Club Hostel Bar.

City Lights Hostel: É um albergue tradicional e bem equipado, também localizado na Vila Madalena. Como já foi dito, albergues costumam ser localizados em bairros movimentados, com infraestrutura completa, e este é o caso da Vila Madalena, em Pinheiros. O *City Lights Hostel* (Figura 5) é um albergue bastante moderno e de forte identidade, com políticas de sustentabilidade aliadas a um design diferenciado, fatores que levam a crer que ofereceria o próprio material de orientação, mas ao invés disso, o material ofertado é a versão do *Mapa das Artes* em inglês. É possível que o albergue tenha distribuído este mapa devido ao fato de que quando foi visitado, em Agosto de 2012, havia sido inaugurado há poucos meses, de forma que sua equipe ainda não tivera tempo e recursos necessários para providenciar ou confeccionar o próprio material cartográfico. Uma vez que o albergue não possui material próprio, e independentemente disso, por qual motivo o material oferecido é o *Mapa das Artes*? Como já foi dito anteriormente, grande parcela dos turistas que buscam albergues são estrangeiros, e sendo o inglês um idioma universal, a escolha do idioma do mapa é pertinente, apesar de não haver um cuidado com os demais turistas que não dominem o inglês, já que o albergue não dispõe de mapas em português ou espanhol. Este mapa é de distribuição gratuita, o que o torna financeiramente acessível. Como o próprio nome do material sugere, este é um veículo de comunicação que difunde informações do circuito de artes visuais da cidade em um determinado período (no caso do mapa oferecido por este albergue, Julho e Agosto de 2012). De acordo com o editor do mapa, Celso Fioravante, o mapa é voltado tanto para quem reside na cidade de São Paulo e o utiliza como guia, quanto para o público que visita a cidade. *Mapa das Artes* apresenta, no mesmo material, tanto o roteiro das artes quanto um mapa que contempla grande parte da cidade. No mapa são apontados os locais onde acontecem as manifestações artísticas explicadas na legenda. Alberguistas costumam ter bastante tempo livre e um roteiro aberto a mudanças, portanto um mapa conjugado a um guia de acontecimentos artísticos é uma boa opção. Porém, como não há vinculação entre o mapa e o albergue, a localização deste não é apontada no mapa, dificultando seu uso pelo usuário. A Figura 6 mostra o entorno desse hotel.



Figura 5 - Portão de entrada do albergue City Lights Hostel.

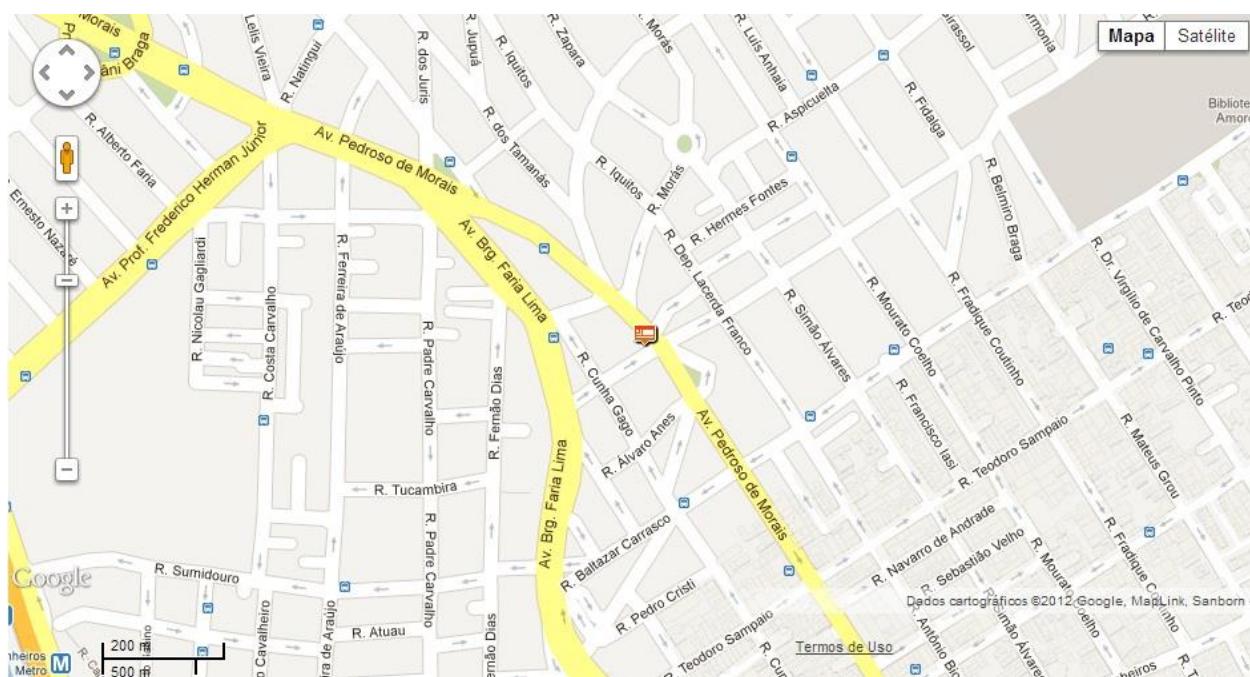


Figura 6 - Localização do Albergue City Lights Hostel.

Hotel Mercure: A unidade visitada foi o *Mercure São Paulo Paraíso Hotel* (Figura 7), localizado na rua Vergueiro, no Paraíso, bairro nobre da capital paulista. Duzentos e quarenta e três reais é o valor da diária mais barata, o que confirma o público alvo como de maior poder aquisitivo. O hotel atende aos seus hóspedes com muita profissionalidade, proporcionando conforto e uma estadia tranquila, sem preocupações. É grande a quantidade de pessoas que escolhem o hotel em uma viagem de negócios, e a privacidade que se tem neste estabelecimento é um ponto a favor desta prática. Hotéis desse nível também costumam dispor de salas de reuniões e conferências, sendo muito buscados para eventos. O hotel localiza-se a uma quadra da estação de metrô Paraíso (o que facilita o transporte de hóspedes que não dispõem de carro), próximo a um grande shopping, e a poucos quilômetros do aeroporto de Congonhas (Figura 8). Há também uma vaga de garagem disponível para cada quarto, o que não acontece em albergues. Assim como o Albergue *City Lights*, o hotel *Mercure* não possui material cartográfico próprio. Oferecer aos seus hóspedes um mapa feito por terceiros, sem nenhuma vinculação com o hotel está muito aquém do nível estabelecido pelo mesmo, uma vez que existem mais de 700 unidades dos hotéis *Mercure* espalhadas por 49 países². O *Mapa das Artes*, de maneira geral, tem serventia ao hóspede desse hotel como ferramenta de localização de ruas, praças, parques, etc. O mapa, por não ter vínculo com o hotel, não traz a localização do mesmo, o que por si só já dificulta muito que o usuário se situe, e assim utilize o mapa com rapidez e praticidade. Os hóspedes do hotel, de maneira geral, buscam-no por um curto período de tempo, e com roteiros pré programados. Portanto, um mapa com um guia de atividades e exposições artísticas não é uma boa opção, já que para apreciar essas atividades é preciso ter tempo livre. A temática do mapa não é utilizada pelo usuário, que acaba, por fim, aproveitando apenas a base cartográfica com ruas, localização das estações de metrô, etc.

² Dados retirados do site <http://www.mercure.com/pt-br/mercure-hotel/network.shtml> (acessado em 31/10/2012).



Figura 7 - Hall de entrada do Hotel Mercure.



Figura 8 - Localização do Hotel Mercure.

4. ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

Foram seis os critérios utilizados para a análise, adaptados a partir do diagrama de SLUTER (2008) para o desenvolvimento do projeto cartográfico, a saber:

(a) Caracterização do usuário: o cartógrafo conhece aquele que irá utilizar o mapa?

(b) Classificação das informações: as informações presentes nos mapas foram determinadas e descritas de maneira organizada antes da confecção do mapa? Estas informações foram classificadas? Se sim, sob quais critérios?

(c) Como foi estabelecida a escala do mapa? A área a ser mapeada é muito grande? É necessário o uso de mais de uma folha? Se sim, como é a dobradura? A dobradura dificulta a utilização do mapa?

(d) Como foi a coleta de dados fonte?

(e) Como é a linguagem cartográfica de cada mapa?

(f) Como se deu a construção do material final? O resultado é satisfatório?

É preciso lembrar que os mapas não necessariamente são confeccionados por um cartógrafo. Quando um mapa é construído por leigos, as chances de haver dificuldades de visualização, generalização cartográfica exagerada e que compromete o entendimento, e ausência de elementos, como escala e orientação, são muito maiores.

4.1. Mapa fornecido pelo albergue Casa Club Hostel Bar

É evidente que o produtor deste mapa conhece seu público majoritário, já que o mapa está todo escrito em inglês (como foi comentado, uma parcela significativa dos alberguistas é constituída por estrangeiros). Apesar disso, albergues também recebem hóspedes brasileiros e latinoamericanos em grande quantidade, e estes não

necessariamente tem domínio da língua inglesa, o que se torna um empecilho para o entendimento do material. Apesar desta falha, é visível no mapa uma preocupação constante com o usuário: as informações contidas são somente as de interesse do mesmo, eliminando informações desnecessárias, que deixariam o mapa muito grande, assim como o ruído. A legenda é segmentada entre *Bares*, *Restaurantes*, *Casas Noturnas*, *Galerias de Arte e Lojas*, etc. Dessa maneira, a consulta ao mapa fica mais fácil e prática. Há pouco espaço para propaganda, e a que está ali é voltada para o usuário do mapa. Há três espaços no corpo do mapa onde foram anotadas algumas dicas e informações sobre a cultura brasileira, e uma pequena tabela que informa a faixa de preço de alguns dos estabelecimentos representados.

As informações presentes no mapa são basicamente os locais de interesse do usuário (bares, estações de metrô, caixas eletrônicos) e são classificados de acordo com os serviços prestados ou função. As classes criadas foram: *Bares*, *Restaurantes*, *Casas Noturnas*, *Galerias de Arte e Lojas*, *Conveniência e Outros* (pontos de ônibus e estações de metrô estão representados nesta categoria). Cada uma das classes é representada por um tom de cinza diferente, o que juntamente com o resto do mapa, demonstra que na realidade, o mapa foi construído para ser impresso em cores. Quem confeccionou o mapa deveria tê-lo reconstruído para a impressão em tons de cinza (KRYGIER, WOOD, 2005), se essa era a única solução gráfica disponível.

Os menores elementos do mapa são pequenas ruas sem saída voltadas para dentro das quadras, e provavelmente a escala do mapa foi definida a partir delas. A área mapeada não é muito grande, contemplando apenas o albergue e seus arredores na Vila Madalena. O mapa é entregue ao usuário inteiro, sem estar dobrado. No verso do mapa há colunas brancas das quais se podem inferir como realizar a dobradura do material em três partes, reduzindo seu tamanho. Porém, algum leigo e com pouco contato com mapas pode ter dificuldades para perceber sozinho como o mapa deve ser dobrado, e acabar por dobrá-lo de maneira que a capa e o verso não sejam vistos integralmente quando o mapa estiver dobrado, que é o que deveria acontecer. Seria mais prático e seguro entregar o mapa já dobrado da maneira correta.

Não foi possível entrar em contato com um representante do albergue para saber como foi feita a coleta das informações contidas no mapa. Provavelmente, estas

informações foram obtidas em campo, ou retiradas da internet, e então inseridas na base cartográfica.

Neste mapa, a dimensão espacial dos fenômenos representados nas legendas é pontual, e as primitivas gráficas, pontos. Um fenômeno pontual não possui extensão espacial e pode, portanto, ser denominado de “zero dimensional” (SLOCUM, 1999). A localização desse tipo de fenômeno pode ser especificada por duas ou três coordenadas: x e y são suficientes para determinar a localização dos fenômenos no mapa do albergue (latitude e longitude), mas pontos onde águias fazem seus ninhos, por exemplo, são especificados por x, y e z (latitude, longitude e altitude acima da superfície terrestre). O nível de medida é nominal. Os pontos no mapa são apenas nomeados, sendo sua numeração apenas para fins organizacionais, não havendo qualquer valoração ordinal entre os fenômenos. As variáveis visuais utilizadas são cor e tamanho. A variável cor é o que diferencia uma classe de outra (ex: Bares, em vermelho e Restaurantes, em azul). A numeração diferencia estabelecimentos dentro de uma mesma classe (ex: 1 – Restaurante japonês, 5 – Restaurante italiano). Devido à má qualidade da impressão, não é possível ter certeza acerca da mensagem passada pela variável tamanho, mas pode-se inferir que seja um destaque para estabelecimentos indicados pessoalmente pela equipe do albergue, ou que tenham alguma parceria com o mesmo. Um ponto muito positivo deste material é a facilidade que o usuário tem para se localizar no mapa: a posição do albergue é prontamente percebida.

Não há em nenhuma parte do mapa informações a respeito da origem da base cartográfica utilizada. Mediante comparação, acredita-se que a base cartográfica foi extraída da ferramenta Google Maps. O processo de construção do mapa foi satisfatório até a busca pela solução gráfica. Falhas podem ser apontadas neste processo, como não dispor de versões do mapa em português e espanhol; não apresentar a fonte da base cartográfica, e a ausência de escala e orientação. Podemos considerar essas falhas como pequenas, pois sozinhas não atrapalhariam a leitura do mapa. Porém, a leitura do produto final é praticamente impossível (salvo a visualização geral das ruas e o texto em fontes maiores) devido ao péssimo trabalho realizado na impressão do mapa. Este mapa foi provavelmente feito para reproduzir cores, e foi

impresso em tons de cinza sem ser redesenhado e adaptado para este tipo de impressão. Apesar disso, o fator que determina a impossibilidade da leitura é a baixa resolução do material finalizado. É provável que, originalmente, o mapa devesse ter sido impresso em papel de tamanho reduzido, compatível com a baixa resolução do arquivo digital. Este, porém, não deve ser o único problema, tendo em vista que mesmo quando o mapa é afastado dos olhos, assumindo perante ao leitor um tamanho reduzido, a leitura do mapa continua impossibilitada.

Surpreendentemente, tanto o albergue City Lights Hostel quanto o hotel Mercure forneceram o mesmo mapa, o Mapa das Artes. A única diferença foi o fato de que o albergue ofereceu a versão em inglês, enquanto o hotel ofereceu a versão em português. Como os dois estabelecimentos utilizam o mesmo material, a análise do mapa será feita uma vez só, evitando duplicidade da análise. Os critérios utilizados são os mesmos da análise anterior.

4.2. Mapas fornecidos pelo hotel Mercure e pelo albergue City Lights Hostel

A princípio, o *Mapa das Artes* é pensado para atender aos usuários que se interessam por artes visuais, sendo essa a temática aplicada sobre a base cartográfica.. Existe também a preocupação em atender viajantes, tanto que um quinto da tiragem (30.000 exemplares a cada dois meses) é impresso em inglês. Porém, os únicos turistas que se beneficiam de fato desse material são aqueles que realmente se interessam por artes visuais. Partindo-se do pressuposto de que este mapa é feito para pessoas que apreciam artes visuais, pode-se afirmar que sim, quem produziu o mapa conhece seu usuário final e o mapa será usado com eficiência, desde que chegue a esse usuário específico. Porém, um hóspede em um hotel (Mercure) ou um albergue (City Lights Hostel) não necessariamente é este usuário. Este hóspede pode querer um mapa simplesmente para conseguir se localizar, tarefa esta muito difícil já que as hospedarias não são apontadas e nem mesmo representadas no mapa. Localizar-se nessa situação é uma tarefa difícil para quem já conhece a cidade, e ainda mais difícil para quem não está familiarizado com ela. Além disso, devido à temática do mapa tratar somente de artes, não são representados no mapa restaurantes, bares, caixas

eletrônicos, supermercados. Estes estabelecimentos entrariam em outro mapa, que abordasse uma temática diferente. Partindo dessas observações, é possível concluir que o usuário (no caso, hóspede dessas duas hospedarias) não consegue extrair do mapa aquilo que precisa. Apesar disso, quem confeccionou o mapa não é responsável por essa falha na comunicação final. Nesse caso, a responsabilidade recai sobre as hospedarias, que forneceram aos seus hóspedes um mapa que não contém informações necessárias as suas atividades de uso do mapa.

As informações contidas no mapa são de locais variados em que ocorrem ou é possível observar manifestações artísticas visuais oficiais. Essas informações foram definidas e então classificadas, agrupando locais com atribuições semelhantes. As classes criadas foram: *Museus e Espaços Públicos*, *Galerias e Escritórios de Arte*, *Espaços Institucionais*, *Ateliês e Serviços* e *Eventos* (a classe *Eventos* existe apenas no exemplar oferecido pelo albergue *City Lights Hostel*, correspondente aos meses de Julho e Agosto de 2012. O exemplar oferecido pelo hotel *Mercure*, correspondente aos meses de Março e Abril de 2012 não continha a classe *Eventos*). Cada classe possui uma cor, tornando mais prática à leitura.

A escala utilizada é baseada nos menores elementos representados no mapa. No caso, são pequenas ruas sem saída que adentram algumas quadras (assim como no mapa do albergue *Casa Club Hostel Bar*). Entretanto, o mapa contempla uma área muito grande da cidade (Pinheiros, Itaim Bibi, Moema, Vila Mariana, Jardim Paulista, Bom Retiro, Santa Cecília, Liberdade, Barra Funda, Perdizes, Higienópolis, Bela Vista, Jardim Europa e Morumbi), tornando o produto final grande demais para ser manuseado. Além das dimensões da base cartográfica, há também diversas áreas destinadas à publicidade (toda a publicidade do material é na área de artes visuais, como galerias, exposições, etc.), e os anúncios são todos grandes. Devido a esses anúncios, o material impresso fica quase duas vezes maior do que seria sem eles (dimensões do material impresso: 95x60cm). Devido as grandes dimensões, é um mapa difícil de ser usado na rua para uma consulta rápida, mesmo sendo dobrado ao estilo sanfona, de maneira que não precisa ser completamente aberto para que se visualize algumas partes. O ideal seria abrir o mapa por completo sobre uma superfície plana, o que não pode ser feito em qualquer lugar. É possível inferir que o mapa tem a

função de informar sobre os locais onde acontecem os eventos para que os usuários se programem previamente, e não para que o utilizem como instrumento de navegação em campo.

Por se tratar de um mapa voltado à divulgação das artes visuais, o interesse dos organizadores de eventos ligados a este tema é que o mapa contemple suas atividades. Não há informações oficiais a esse respeito, mas é provável que os organizadores busquem os responsáveis pelo *Mapa das Artes* para que seus eventos sejam divulgados. Dessa forma, quem confecciona o mapa não teria a necessidade de sair a campo para coletar as informações a ser representadas no mapa.

Neste mapa, a dimensão espacial dos fenômenos representados na legenda (elementos como estações de metrô são contemplados no mapa e não na legenda, portanto não entram no rol de informações analisadas: fazem parte da base cartográfica) é pontual e a primitiva gráfica é o ponto. O nível de medida é nominal, os pontos no mapa são apenas nomeados, sendo sua numeração apenas para fins organizacionais, não havendo valoração ordinal entre os fenômenos. A variável visual é cor, e diferencia uma classe da outra (exemplo: *Museus e Espaços Públicos* – Azul; *Espaços Institucionais* – Verde). Diferente do mapa da *Casa Club Hostel Bar*, em que a numeração parte do número 1 em cada classe, iniciando uma nova contagem, no *Mapa das Artes* essa contagem é contínua, unificando as classes e fazendo lembrar que todas estão dentro do mesmo tema.

Não há em nenhuma parte do mapa informações a respeito da fonte da base cartográfica, escala ou orientação. Contrariamente ao mapa da *Casa Club Hostel Bar*, não parece ter sido usada base cartográfica retirada do Google Maps. O processo de construção do mapa foi satisfatório, no que se refere à sua serventia ao usuário alvo original, considerado por quem confeccionou o material. O tamanho do mapa, considerado um problema por ser muito grande, dificilmente poderia ser reduzido significativamente, já que os anúncios publicitários (que ocupam muito espaço no material impresso) são essenciais à publicação, que é de distribuição gratuita e depende do financiamento por parte dos anunciantes e parceiros. A escala definida se adequa bem ao tamanho do mapa e à área a ser representada, mantendo uma relação de verossimilhança entre o mapa e a realidade. Devido à falta de espaço no corpo do

mapa e à grande quantidade de fenômenos pontuais a ser descritos e representados, a legenda foi posta no verso do mapa. Apesar da dobradura ao estilo sanfona, que permite visualização de algumas partes do mapa sem a necessidade de abrir o mapa inteiro, ter o corpo do mapa e a legenda em faces opostas do material impresso dificulta a sua consulta. Apesar de ser fruto de um projeto independente, o *Mapa das Artes* é produzido por uma empresa de design gráfico, o que é perceptível pela qualidade do produto final. A impressão é clara, há bom uso de fontes e o material é visualmente agradável.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi aberta uma discussão a respeito da eficácia da comunicação cartográfica em mapas turísticos de São Paulo-SP. O critério utilizado para a escolha do material analisado foi o usuário para o qual material se destina. Usuários diferentes têm necessidades diferentes para mapas, e o responsável pelo desenvolvimento do projeto cartográfico deve levar isso em conta, desde o primeiro momento. O modelo de desenvolvimento de projeto cartográfico de SLUTER (2008) foi à diretriz da análise.

Tendo concluído a pesquisa, é possível salientar alguns pontos: o primeiro é que há falhas no processo de produção ou distribuição dos mapas em questão. Vimos que quando um mapa é produzido por leigos, erros básicos ocorrem, o que é ainda mais preocupante quando esses erros comprometem a utilização do material (caso como o do albergue Casa Club Hostel Bar, que apesar de ser um material promissor, falhou na sua tentativa de comunicação cartográfica por não adotar uma solução gráfica eficiente).

Podemos inferir também que quando um mapa temático é oferecido a um usuário que não é alvo do tema abordado, a comunicação cartográfica pode ser ineficiente ou incompleta, mesmo quando o desenvolvimento do projeto cartográfico é bem executado. As análises realizadas deixam abertas algumas lacunas com relação à opinião dos usuários sobre o material. Estas poderão ser preenchidas por trabalhos futuros de pesquisa em campo com os usuários dos mapas.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DENT, B. D. **Cartography Thematic Map Design**. 5ª. ed. WCB McGraw-Hill, 1999

KEATES, J. S. **Cartographic design and production**. London: Longman, 2ª ed. P. 261, 1989.

SLOCUM, T. A. **Thematic cartography and Visualization**. Upper Saddle River: Prentice Hall, 1999

SLUTER, C. R. **Portal da Cartografia**. Londrina, v.1, n.1, maio/ago., p.1-20, 2008. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/portalcartografia>. Acesso em: 9 mar. 2012.

JORGE,D. Albergues de turismo no Rio de Janeiro: Uma análise da sua organização. Disponível em: <<http://www.proac.uff.br/turismo/sites/default/files/DiogoJorgeSoares-Tcc-Final.pdf>>. Acessado em 7/10/2012.

MacEACHREN, A. M; TAYLOR, D. R. F. **Visualization in Modern Cartography**. New York: Pergamon, 1994.

KRYGIER, J; WOOD, D. **Making Maps: A Visual Guide to Map Design for GIS**. New York: The Guilford Press, 2005.

BENI, Mario Carlos. **Análise Estrutural do Turismo**. São Paulo: Senac, 2003

7. ANEXOS

7.1 ANEXO (A): Mapa fornecido pelo albergue Casa Club Hostel Bar

Discover Vila Madalena

The points of interest listed below and in the following page are indicated in the map according to their number and color code.

we recommend:

MUNICIPAL

BLECKER

we recommend:

Tipping

you'll usually see 10% added to your bill at bars and restaurants. Give more or less depending on the service.

Average prices for all
\$ = less than 20 BRL
\$\$ = between 20 and 40 BRL
\$\$\$ = more than 40 BRL

Bars	
1. Karamon Madalena, \$	12. Fina, \$ \$ RT
2. Porto K, \$	13. Gennilo, \$ \$ RT
3. Santa Jorge, \$ \$ RT	14. Samba, \$ \$ LM
4. Municipal, \$ \$ LM, RT	15. Borda, \$
5. Piapa, \$ \$ LM	16. Copal da Vila, \$
6. José Mariano, \$ \$ RT	17. Para Voz, \$ \$ LM, RT
7. Pólo A, \$ \$ RT	18. Gennilo, \$ \$ RT
8. Yelo Jazz Bar, \$ \$ LM	19. Madalena San Carlo, \$ RT
9. Ailor, \$ \$ RT	20. O do Bologado, \$ \$ LM
10. Bom Madina, \$ \$ LM, RT	21. Pato Inga, \$ \$ RT
11. Quilindinha, \$ \$ RT	22. Nostra Vozes, \$
23. Camélia Petreia, \$ \$ RT	
24. Borda São Paulo, \$ \$ RT	
25. Borda São Paulo, \$ \$ RT	
26. Madal, \$ \$ RT	
27. Madal, \$ \$ RT	
28. Samba, \$ \$ RT	
29. Borda da Borda, \$ \$ LM	
30. Mercaderes São Paulo, \$	
31. Pato Inga, \$ \$ RT	
32. Bypnema, \$	

LM = low price RT = also for tourists

Night Clubs

1. Show for Lounge, \$ \$	7. Coppola Music, \$ \$ LM
2. Consonant Culture, \$ LM	8. LPO, \$ \$
3. A Lateral, \$	9. Monks Rock Bar, \$ \$ LM
4. Dabos, \$ \$ LM	10. Borda, \$ \$ LM
5. A Maracônia, \$ \$ LM	11. Pato Born Bar, \$
6. Grate d'Art, \$ \$ LM	

We're very social...
we buy pizza by the pie,
not by the slice.

Restaurants

1. Consultório Mirim, \$ \$ Br	20. Ova Pele, \$ \$ RT
2. São Benedito, \$ \$ V	21. Jacaré Grill, \$ \$ Br
3. Pê de Mar, \$ \$ V	22. Galinha Grill, \$ \$ Br
4. Gennilo, \$ \$ RT	23. A Casa do Tamar, \$ \$ J
5. Refeição da Lona, \$ \$ Br	24. Grill da Vila, \$ \$ G
6. Morri Pêra, \$ \$ A	25. Divina Vida, \$ \$ I
7. Gato, \$ \$ Vg	26. Madalena, \$ \$ I
8. Domestica Bar, \$ \$ F	27. Kony's, \$ \$ Vg
9. Heli's, \$ \$ J	28. Spacabaco, \$ \$ I
10. Heli's, \$ \$ J	29. L'Apêlo, \$ \$ Br
11. Sotopetrol, \$ \$ Br	30. Churrasco, \$ \$ J
12. Pato Grill, \$ \$ C	31. O Pêlo, \$ \$ Br
13. Sabor Pêra, \$ \$ P	32. Chaparr, \$ \$ Br
14. Agost, \$ \$ M	33. Cidra da Pêra, \$ \$ Br
15. Vito, \$ \$ M	34. Cidra da Pêra, \$ \$ Br
16. Mercaderes, \$ \$ Br	35. Cidra, \$ \$ Br
17. Borda, \$ \$ Br	36. Alim, \$ \$ Br
18. Borda, \$ \$ Br	37. Samba, \$ \$ Br
19. D. Cidra, \$ \$ V	38. A Pêra, \$ \$ Br

Cuisine types

A = Argentine	C = Coffee shop	M = Mexican
B = Brazilian	F = French	P = Peruvian
Br = Brazilian	Fr = French	Pr = Portuguese
Bg = Brazilian	G = Galilei	Pz = Pizza
Bv = Brazilian	I = Italian	Sr = Sea food
	Ir = Indian	Sh = Steakhouse
	J = Japanese	V = Vegetarian
	M = Moroccan	Vg = Vegetarian

Art galleries and shops

1. Muri Schatz P
2. Anais da Salina e Silva J
3. Oficina das Músicas W
4. Paulo Melillo P
5. Músico Longobardi V
6. Benedita Sardoval V
7. Paracido P
8. Allen da Rua Amali V
9. Colacorno S
10. O Design Animado V
11. Oficina Bela Lima V
12. Calligrafia e Cia. C
13. Santo São Músicos M
14. Norma Grinsberg C
15. Michelangelo V
16. Aline Partridge V
17. Aline Partridge Penelope J
18. Angela Mallura P
19. E. Posicion e S. Modest V
20. Yeli C
21. R. Basilio e A. Simoes S
22. Luciana Rodrigues Junior V
23. Ateliê Pupunha P
24. Ateliê V
25. Paulo das Artes S
26. Deryn C
27. Inês Onilho C
28. Vila Marcolin C
29. Estudo 55 V
30. Sérgio Fábri S
31. Vado do Cachimbo V
32. Sora Carone C
33. Gelsia V
34. Romena Músicas M
35. Arte do Babaco W
36. Rabas da Arte P
37. Espaço do Papel W
38. Paulo Dp. P
39. Pêlo Pêlo S
40. Espaço Casil Lamas C
41. Colégio de Arte Clara Roda V
42. Ateliê Cláudia L. e Tere Paralelo J
43. Carlos Carrara J
44. Ateliê Pupunha P

Styles F = fabrics J = jewelry P = paintings S = sculpture V = various
C = ceramic G = graffiti M = mobile W = paper works

Conveniences

1. Supermarket and ATM - Nambu (inside) on Av. Paulista (see map)
2. Bus station
3. Post office
4. Laundry
5. Desserts - Redentado
6. ATM - Citibank
7. Duglatores - Duglatores
8. Brazilian Wax - Vitória
9. ATM - Bradesco
10. Supermarket - Pão de Açúcar
11. Lulu House
12. Hair salon
13. Duglatores - Duglatores
14. Tattoo studio
15. Desserts and cafe - Les Delicias
16. Yoga
17. Taxi
18. 24h bakery - Vila Carioca
19. Office supply store - Estampa
20. News stand and phone card*
- *Styler phone available at front desk.

Others

1. Benedicto Carlos for (Saturdays)
2. Bookstore and LAN - PNA C
3. Bookstore - Livro Boleto
4. Bookstore - Livraria da Vila
5. Bread da Vila - used clothing
6. Bread da Vila - used clothing
7. Bus Stop - Cardel
8. Bus Stop - Porta Lima
9. Bus Stop - Redigue
10. Bus Stop - Mourão
11. Bus Stop - Teodora
12. Cidade Escola Aprendiz
13. Instituto Tomie Oates
14. Omgada for (Sundays)
15. Praça Guil
16. Jardim School - Maria Nêga
17. Saturday morning street market at R. Mourão Coelho
18. Tachira Escola Brasileira
19. Varied commerce
20. Vila Mariana Subway Bus Terminal
21. Hobbs Station

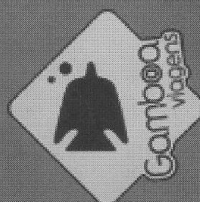
NOTES

Happy Hours at Casa Cubi
From 6 to 9pm, great discounts for the early birds. Ask our front desk.

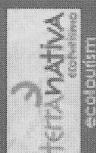
enjoy live music with us from Wed. to Sun. see complete listing and other cultural events in our website.



If you're ready to explore beyond Vila Madalena, let our partners show you the rest of São Paulo and its surroundings.



urban tourism and travel agency



adventure tourism ask our front desk!



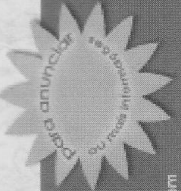
Ask for a **FREE** membership card at our front desk and start saving even more!

Get discounts on great hotels in South America!

Casa Club Hostel Bar
Rua Mourato Coelho, 973
CEP 05417-011, Vila Madalena
São Paulo, SP, Brazil
tel: +55 11 3798 0031

Skype: casaclubhostelbar
MSN: casaclubhostelbar@hotmail.com

A hospedagem não substitui a visita ao museu e a agitação. Sugestão: não beber álcool.



Vila Madalena

visitor map

casacub
festival

Everything you need to know about the cosmopolitan neighborhood of São Paulo



BLEECKER

www.casacub.com.br

7.2 ANEXO (B): Mapa fornecido pelo hotel Mercure



7.3 ANEXO (C): Mapa fornecido pelo albergue City Lights Hostel

